

VOZ, VIOLÃO E TROMPETE

Foi no doloroso período da pandemia que a paulistana **Bárbara Rodrix**, 33 anos, escreveu a maior parte das músicas de seu novo disco, *Ar*, que deve ser lançado ainda no primeiro semestre deste ano. O trabalho, que reúne voz, violão e trompete, significará o retorno definitivo da cantora ao mundo musical. Não que ela tenha deixado de lado a carreira iniciada muito cedo — gravou o primeiro disco aos 14 anos, com o apoio do pai, o cantor e compositor Zé Rodrix, já falecido. Nos últimos anos, Bárbara se dividiu entre os papéis de mãe de Tom, 6, e de artista. “Eu e meu marido, Rods, decidimos que queríamos ver nosso menino crescer”, diz.

Além da busca por uma vida mais tranquila, a questão política pesou muito na decisão da cantora de se mudar para Portugal. “Com a eleição de Jair Bolsonaro para presidente, o clima pesou muito. A área da cultura foi completamente abandonada”, afirma. Como alguns amigos de longa data estavam vivendo em Lisboa, entre eles, o cantor e compositor Paulo Novaes, Bárbara e o marido se sentiram confortáveis para cruzar o oceano. “Chegamos à cidade e, em algumas semanas, tivemos a certeza de que ficaríamos por um bom tempo”, conta. Com a pandemia, entretanto, a rede de apoio que ela e o marido encontraram se desfez. Os amigos que os tinham convencido a morar em Portugal retornaram para o Brasil.

“Mas resolvemos ficar em Lisboa, mesmo vivendo com pouca grana, o que fez com que os laços entre a gente se fortalecessem”, destaca. Hoje, a paulistana se sente privilegiada por estar morando em uma cidade que pulsa cultura, com um movimento artístico muito forte e pessoas de toda parte do mundo. “Artisticamente, foi muito importante estar fora da minha zona de conforto. Descobri quem eu sou, o que quero dizer e como quero fazer as minhas músicas”, ressalta. “Desde que cheguei a Lisboa, fiz vários concertos, abri shows no Coliseu, me apresentei com o MPB4, grupo com o qual tinha feito, no Brasil, o espetáculo



Luis Macedo/Divulgação

Você corta um verso, eu escrevo outro, só com músicas censuradas pela ditadura”, lista.

As músicas do novo disco — o terceiro da carreira de Bárbara — não foram exclusividades do período da pandemia. A cantora e o marido decidiram, tão logo a vida voltou à normalidade, abrir um restaurante vegano. A comida, contudo, é secundária no projeto. “Na verdade, o que pretendíamos, com o restaurante, era ter um espaço para manifestações culturais. Fazemos saraus, reunimos pessoas, estimulamos o debate. Isso tem me proporcionado conhecer tantas pessoas que vivem na cidade como aquelas que estão de passagem. Está sendo maravilhoso para mim,

e a ideia, agora, é voltar a viver exclusivamente de música”, afirma.

Na avaliação de Bárbara, Lisboa reúne todas as condições para se tornar um grande polo cultural da Europa, sobretudo, pela diversidade. “A cidade tem um potencial incrível para ter mais espaços para manifestações artísticas. Sinto que as pessoas têm ouvidos atentos, com vontade de assistir a shows. É fantástico”, diz ela, cujo estilo musical está mais para o jazz e o blues. Para a artista, música é resistência, uma ferramenta muito importante para se comunicar, e os brasileiros, por hábito, fazem cultura de forma coletiva, o que tem sido uma diferença enorme em Portugal.